Vida Mundial Ilustrada

ANO I — N.º 19 — 25 DE SETEMBRO DE 1941 — PREÇO: 1 ESC.

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

TRÊS DAS MAIS FORMOSAS FREQUENTADORAS DA LINDA PRAIA DA ERICEIRA. (Ver dentro uma grande reportagem gráfica publicada nas páginas 6 e 7)

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 25844

Vida MUNDIAL Ilustrada
JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
Director
JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

NOS PRÓXIMOS NÚMEROS, COLABORAÇÃO DE

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES
FERREIRA DE CASTRO
PROF. DR. HERNÂNI CIDADE
GENERAL FERREIRA MARTINS
DR. LOPES DE OLIVEIRA
MANUEL L. RODRIGUES

DR. AMÉRICO DURÃO
ASSIS ESPERANÇA
DR. SOUSA COSTA
ROBERTO NOBRE
DR. CASTRO FERNANDES
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS
DR. CAMPOS PEREIRA

DR. ANSELMO VIEIRA
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS
JOSÉ LOUREIRO BOTAS
AUGUSTO FERREIRA GOMES
F. CARVALHO HENRIQUES
BRAMÃO DE ALMEIDA
Etc.

o caso da semana

O neo-imperialismo americano visa o continente americano e o Extremo Oriente

por Carlos Ferrão

ULTRAPASSADOS os estádios da colonização, da organização interna e da segurança nacional, os Estados Unidos reconheceram, e começam a praticar, no fim de século e meio de existência, a sua vocação imperial. Poucos países haverá no mundo com as condições naturais, o génio da população e o instinto colectivo que permitam realizar, no plano da expansão mundial, uma tarefa idêntica à que se reserva, num futuro próximo, a grande república norte-americana. Os últimos actos dos seus dirigentes integram-se numa evolução histórica que, nem por ser meteórica, deixa de ser coerente e reveladora.

As manifestações contraditórias da alma americana mal têm permitido que no velho continente se forme um juízo seguro sôbre a sua marcha inquieta e progressiva. Dum e doutro lado do Atlântico a incompreensão tem dominado o sistema inevitável de relações, criado pela facilidade e rapidez das comunicações interoceânicas. Os americanos viam, até há pouco, a Europa como um vespeiro de conflitos endémicos, sede duma civilização milenária, tendo a guerra como único e irremediável recurso para liquidar os seus dissídios.

Os europeus mal compreendiam que a pátria de Emerson e de Walt Whitman fôsse a zona de operações preferida para os «gangsters» locais e para os Kidnappen exóticos. A civilização dos arranha-céus e dos centros industriais gigantescos era, para os espíritos penetrados duma tradição histórica indelével, a expressão apressada duma vontade que sobrepunha as realidades da matéria às exigências tradicionais do espírito.

Depois da administração republicana que se seguiu à conflagração mundial, o «New Deal» surgiu como um testemunho de renovação moral que punha o interêsse da nação acima do interêsse particular e procurava repartir, mais equitativamente, o rendimento do país, ao mesmo tempo que defendia o capital contra a especulação e reduzia o número de horas de trabalho para liquidar a lepra do desemprêgo. Na Europa criticaram-se as reformas financeiras e as inovações económicas que a sua aplicação implicava. Não se reparou em que era sobretudo duma organização vigorosa do instinto colectivo que se tratava.

OS ESTADOS UNIDOS PROCURAM O SEU CAMINHO

Os Estados Unidos procuram o seu caminho numa época particularmente perturbada. Os seus dirigentes actuais desejam prosseguir nêle com um mínimo de perdas e de desgastes. É essa a característica fundamental da orientação que, ao fim de dois mandatos de experiência, o presidente Roosevelt e os seus colaboradores, imprimem à nação. Isolacionismo e intervencionismo são etiquetas de superfície que nada têm de comum com as realidades profundas que agitam o corpo dum país habitado por cento e sessenta milhões de indivíduos, e que constitui o maior reservatório de matérias primas mundial.

O isolacionismo dos republicanos é a negação dos fundamentos da sua doutrina política e da sua acção no poder. Nêsse sector da opinião pública, um candidato derrotado, Willkie, tem mais prestígio e influência do que um soberano deposto. Herbert Hoover. O primeiro compreendeu que chegou a hora das realizações definitivas para o seu país e que o segundo conflito europeu lhe forneceu para isso uma oportunidade única. O segundo representa os interêsses e as paixões do passado, que podem mover a engrenagem de alguns sectores eleitorais importantes pelo número, mas que se não identificam com as realidades e com as aspirações do presente.

O senador Wheeler foi o mais ardoroso adversário do «New Deal». A sua luta contra o conjunto de reformas que a personalidade do presidente simbolizava, era conduzida em nome dos conceitos predominantes nos círculos financeiros e nos meios industriais. O coronel Lindbergh, que deu, com o prestígio do seu nome, um incremento novo ao movimento «América First», ataca as tendências da política presidencial, não porque esta seja contrária aos seus desejos de valorização da posição americana no mundo, mas porque ela pode conduzir a um desperdício de energias e de riquezas, que melhor aproveitadas seriam ao serviço duma causa exclusivamente nacional. Quanto à missão que o futuro reserva aos Estados Unidos, missão tìpicamente imperial, todos estão de acôrdo.

A MISSÃO QUE OS ESTADOS UNIDOS SE RESERVAM

Em que consiste pràticamente essa missão que bem pode etiquetar-se como um neo-imperialismo de tipo norte-americano?

Upton Close, autor dum livro famoso sôbre o Japão, e um dos chefes de fila das tendências expansionistas no seu país, escreveu, há pouco, no «Mercury», um artigo sensacional. O conhecido publicista ocupava-se nêle exclusivamente da próxima acção dos Estados Unidos no Pacífico, região que profundamente conhece em todos os seus aspectos.

«O protectorado — escreveu Close — é a primeira etapa para a constituïção dum Império. Estabelecemos, pràticamente, o nosso protectorado sôbre a América do Sul e sôbre a Islândia. Êsse protectorado deve estender-se à bacia do Tahiti, parte da China e talvez a Sibéria marítima. Será estabelecido sob a forma duma confederação democrática, constituindo um ponto de partida para a nossa actividade mundial no futuro. Comecemos pelo Pacífico, que está próximo de nós.»

Os Estados Unidos realizaram, quási sem efusão de sangue, a sua unidade nacional. Por troca ou por compra, por influência política ou por penetração económica, recorrendo à luta armada apenas quando tinham falhado todos os outros recursos, talharam uma nação rica e poderosa, no respeito pelas instituïções originais, e procurando pôr de acôrdo as exigências dos acontecimentos com as verdades que os precursores da sua grandeza proclamaram.

A mesma paciência, que não exclui a ousadia, de que deram provas, ocupando sucessivamente a Luisiânia, o Texas, o Oregon, a Flórida e o Alaska, e estabelecendo-se sòlidamente no Panamá, em Pôrto Rico e nas Filipinas, revelou-se na aquisição metódica do seu rosário de bases estratégicas aero-navais que aperta o Pacífico sul e se alarga, para o norte, até às vizinhanças do arquipélago nipónico: Hawaï, Guam, Midevay, Wake, Johnston. A aquisição, a título de arrendamento, das bases britânicas do Atlântico, completaram o mais poderoso sistema ofensivo-defensivo de que há memória.

QUATRO SOLUÇÕES QUE PODEM ENCARAR-SE

Raymond Moley, publicista de renome e de influência, enumera, assim os caminhos que se deparam ao seu país:

1) Os Estados Unidos podem aceitar francamente a palavra imperialismo, no sentido usual em que esta se emprega, para designar o seu destino. Não é muito bonita nem muito agradável, mas não há outra para designar determinadas coisas. Para os americanos do nosso tempo, ela significa a aceitação integral das responsabilidades de soberania sôbre territórios fora da mãi-pátria, e especialmente de territórios situados no hemisfério ocidental. Essas responsabilidades implicam a protecção militar dos territórios e a sua exploração económica.

2) A segunda alternativa que se lhes oferece é a de identificarem a sua existência com a do Império britânico através dum plano de união ou de federação. O valor actual desta ideia depende das necessidades criadas pela sua defesa recíproca. É uma solução de emergência. Mas não é fácil calcular que formas económicas e políticas poderia vir a tomar no futuro. O problema tem um valor presente que amanhã pode não se verificar com a mesma acuïdade e, sobretudo, com o mesmo aspecto aliciante.

3) Podem, tanto os Estados Unidos como a Grã-Bretanha, regressar à fórmula de 1919, no caso de a actual aliança anglo-russa ganhar a guerra, participando ou não nesta última. Uma grande parte da população norte-americana continua profundamente apegada às concepções societárias do desarmamento e de segurança colectiva. Mas, ao mesmo tempo, tem um horror sagrado pelas dificuldades europeias e mostra-se irremediàvelmente pèssimista quanto ao presente e, sobretudo, quanto ao futuro do Velho Mundo. No pensamento dêsses americanos, a Europa balcanizada ameaça de contágio o universo inteiro. Nenhuma política comum pode tentar-se com ela, que não faça correr o risco dêsse contágio aos países e regiões que ainda se encontram presentemente imunizadas. A questão da paz geral em zonas geográficas retalhadas envolve-se numa série de questões de carácter local e regional que invalidam as fórmulas mais prometedoras de salvação comum. Essas questões não querem os Estados Unidos envolver-se nelas porque as não compreendem e consideram a sua ignorância um motivo justificado de abstenção.

O DESTINO DO HEMISFÉRIO OCIDENTAL

4) Resta a solução simpática à maioria para não dizer à totalidade da nação. É a solução pan-americana, enraïzada na doutrina de Monroe, mas adaptada às circunstâncias criadas pelas tendências expansionistas e imperialistas de outros povos. Abrange a área geográfica que se estende entre a extremidade norte do Canadá e o Cabo Horn, geralmente conhecida pela designação de Hemisfério Ocidental.

A sua aplicação imediata deve traduzir-se na realização duma aliança militar, capaz de jogar em tôdas as eventualidades, com as repúblicas americanas existentes entre o México e a Patagónia e também com o Canadá. Implica, portanto, em relação a êste Domínio britânico, uma orientação nova que vai além da desmilitarização da fronteira comum que simboliza, neste momento, a excelência das suas relações. As conferências de Panamá e de Havana seriam o primeiro passo para a realização progressiva duma concepção de segurança continental, apressada pelo actual conflito e que tomaria as formas duma estreita cooperação económica e militar.

A política pan-americana não exclui, no pensamento da maioria da nação, a realização metódica e enérgica duma política de segurança e de expansão no Pacífico. Esta última aparece traduzida por uma fórmula que está tendo grande voga nos Estados Unidos: o Pacífico estabilizado.

«O Pacífico estabilizado, diz Raymond Moley, só pode conseguir-se por uma série de entendimentos estreitos entre o nosso país, por um lado, o Japão, a China, a Grã-Bretanha, a Holanda e a Rússia, por outro. Esta política nada tem de comum com as concepções nipónica e alemã da Ordem Nova na Ásia e na Europa. Mas nada quere também com as doutrinas isolacionistas. Encara e realiza a repartição do mundo em esferas de influência e de interêsse que devem ser respeitados.»

E Moley conclui, assim, as suas considerações:

«Em resumo, a nossa atitude no futuro, deve ser íntima e predominante nas Américas, activa e cautelosa no Extremo Oriente, simpática e afastada na Europa e na África.»

Figuras da Vida MUNDIAL

ROOSEVELT, Presidente da República dos Estados Unidos da América do Norte, que tem desempenhado um papel importantíssimo na administração do seu país, em três períodos seguidos de funções executivas e que, pelas medidas tomadas em relação ao auxílio à Inglaterra — traduzidas recentemente pela nova Lei de Empréstimo e Aluguer — tão notável intervenção tem tido no desenrolar da guerra. — (Caricatura de Cândido Costa Pinto).

Panorama Internacional

O gesto do Tio Sam

por Francisco Velloso

TEMOS de seguir condensadamente a cronologia dos factos, mesmo que pareçamos não odebecer à sua lógica interpretação, para dar ao leitor a resenha fiel dos acontecimentos transcendentes que abarcam a última quinzena: — os incidentes navais germano-americanos, a soarem a meio da contra-ofensiva de Timochenko, o discurso de Churchill pondo primacialmente o auxílio à Rússia como condição da vitória, a entrada dos Estados Unidos ao ataque da arma da alemã ao serviço do bloqueio à Inglaterra, isto é, realmente, a sua entrada na guerra.

RASTILHOS ACESOS

RAEDER

O incidente entre o contra-torpedeiro norte-americano *Greer* e um submarino alemão ocorrido no Atlântico pareceu faúlha de maior incêndio, o — incêndio da guerra efectiva entre os Estados Unidos e a Alemanha. Num levante (sòmente entrecortado por frases mais ou menos tíbias de alguns reféces senadores de Washington) a opinião pública sentiu a comoção de que o inimigo batia à porta, e quando o presidente Roosevelt no dia 5 declarou que as fôrças navais do seu país tinham ordem para *eliminar* o submarino, o sobressalto ainda foi maior. Ao reparo do almirantado de que o *Greer* não se distinguia dos contratorpedeiros cedidos à Inglaterra, Roosevelt retorquiu logo:

«Lançar um torpedo às cegas contra um navio identificado apenas pelos ruídos dos seus motores, tem conseqüências tão graves como lançar um torpedo contra um navio identificado especialmente como pertencendo à Marinha de Guerra Americana».

No dia seguinte um comunicado alemão retomava o argumento da indistinção do contratorpedeiro norte-americano, mas invocava outras razões que têm todos os visos de mais condizentes com a realidade das coisas: — em primeiro lugar o submarino vogava dentro da zona do bloqueio alemão; em segundo lugar, Roosevelt «já dera ordem aos contratorpedeiros norte-americanos não só para assinalarem a posição dos navios alemães mas, ainda mais, para os atacarem».

Ora, devemo-nos lembrar que durante o famoso duelo de declarações entre o almirante Raeder e Roosevelt, o primeiro avisou claramente o segundo de que se os seus submarinos topassem navios norte-americanos suspeitos dentro da zona do bloqueio alemão, os atacariam, e devemos recordar também que a intervenção activa da esquadra norte-americana na protecção dos combóios de abastecimento para a Grã-Bretanha, e a ocupação da Islândia, (golpe definitivo nas comunicações da Alemanha com o Atlântico) conjugados à acção das chamadas vedetas e da aviação inglêsa do comando costeiro, modificaram a tal ponto a situação de risco no Atlântico para os referidos combóios, que o Primeiro Lord do Almirantado, Alexander, a celebrou em vitoriosos termos. Assim colocado, o incidente entra no campo do inevitável. Só assombra que êle e outros como êle, não se hajam produzido há mais tempo. Só por decisão de Hitler de evitar tudo quanto possa determinar pretexto a que os Estados Unidos entrem em fogo na guerra terrestre e marítima — perigo a que não quere expôr-se — poderá explicar-se que o caso do *Greer* não houvesse tido antecedentes mais visíveis na batalha do Atlântico — além do ocorrido com o *Robin Moor*. No entanto, já posteriormente, com diferença de dias, os do cargueiro norte-americano *Steel Seaparer* no Mar Vermelho e do navio do Panamá, utilizado pelos Estados Unidos, *Sessa*, ao largo da Islândia, assásmente demonstram que o almirante Raeder cumpre à risca o seu aviso e que a Alemanha não está disposta a deixar que os Estados Unidos assumam o papel que desde a conferência Roosevelt-Churchill aceitaram. Enchida a carga, ela tinha de explodir.

O TEMPO PARA A EXPLOSÃO

MACKENZIE KING

Na verdade, êste incidente logo fêz retroatrair as atenções para o sensacional discurso que o chefe do govêrno do Canadá Mackenzie King proferira no dia 4 em um almôço que lhe oferecearam em Londres. Êsse discurso foi sobretudo apontado aos Estados Unidos. Churchill respondeu-lhe dizendo que o seu admirável colega se exprimira em «termos mais magníficos do que os que êle costuma empregar» para os interpretar como mais francos e rudes, e referindo se à obra, realmente habilíssima, que Mackenzie realizou, prendendo os Estados Unidos ao Canadá, sintetizou o seu pensar nesta frase a cem à hora: — «o tempo é curto, a luta é terrível». O estadista do grande Domínio reforçára Lord Beaverbroock, ao expedir o seguinte aviso para a Casa Branca: «A Inglaterra, caso não venha a receber auxílio muito maior do que aquele que tem sido prestado até à data, não poderá ganhar a guerra pela liberdade do Mundo».

E sem demora, acrescentou o resto: «A declaração de Churchill, segundo a qual a Inglaterra se manterá no Extremo Oriente ao lado dos Estados Unidos, é indício seguro da inter-dependência, cada vez mais profunda, que liga entre si os povos livres do Mundo. Uma declaração semelhante da parte dos Estados Unidos, com respeito à Alemanha nazi, encurtaria, segundo creio, o perigo de duração dêste perigoso conflito».

Era o que Gravin, o comentador do *Observer*, acentuava no dia 7: «Isto está entre os pontos que devem ser resolvidos entre o presidente e o congresso. Os cidadãos americanos devem decidir o seu próprio destino. Nós aqui nada podemos fazer senão ter esperança que os Estados Unidos entrem na batalha. Duas coisas são absolutamente certas. O efeito moral da América entrar na guerra traria numa nova alma ao mundo. O efeito físico significaria uma completa expansão da produção de guerra americana. Sem isto — que é o ponto essencial do assunto — a liberdade ou pelo menos a vitória da Inglaterra não pode ser conseguida apenas pelos seus desejos».

De facto, desde o dia 1 do corrente mês (e é curiosa a coincidência de, no dia 6, o chanceler do tesouro, Kingsley Wood, revelar em Edimburgo que a Grã-Bretanha agüentava a despesa diária de 12 milhões e meio de libras por dia!) a opinião pública britânica só tinha e tem um estribilho: — produzir. O gesto das *Trade Unions* no dia 2, naquela cidade escocesa, de aumentar o fabrico de munições e material de guerra para facilitar o auxílio à Rússia, ecoava aquele brado unânime e apressado que por sua vez mais não era do que repercussão de uma intimação do govêrno e dos condutores da guerra.

É que a entrada da Rússia no conflito envolve o compromisso de a amparar, e torna-se indispensável que para tanto o arsenal norte-americano não cesse de produzir o material necessário aos exércitos de Timochenko.

OS GRANDES ALERTAS

ROMMEL

A guerra pode derramar-se com furor. Mesmo sem aludir ao facto bastante significativo de, no dia 3, bombardeiros britânicos terem afundado um submarino alemão *ao largo da costa espanhola do Atlântico* — o que confirma os sinais aqui já indicados daquele derrame para o grande mar ocidental e para a fechadura do Mediterrâneo — é impossível que, não obstante o colossalíssimo esfôrço alemão empenhado na roda dentada da triturante campanha contra a Rússia, da conferência entre Hitler e Mussolini não desfechem conseqüências de vulto pró ou contra o *Eixo*. É certo já que Von Papen não saiu airosamente de Ankara depois da queda da sua manobra na Pérsia e que o dr. Clodins desceu em comissão à capital turca para meter a verruma das combinações económicas onde a arte do notável diplomata que promoveu a intriga do *Anschluss* austríaco, não pudera penetrar. Mas no dia 31 tôda a imprensa de Wilhelmstrasse anunciava que o *Eixo* ia tentar executar o programa da Nova Europa, e que êle seria levado a cabo por uma série de acções de conjunto, diplomáticas, militares e económicas. Acaso não se alarmou já a imprensa britânica com um assalto alemão ao Egipto, sob o comando de Rommel, para o qual chegam reforços importantes à Líbia, a pesar da actividade combativa da esquadra de Cunningham no Mediterrâneo? Pode a Alemanha assistir de braços cruzados ao deflagrar do incêndio revolucionário que já lavra nos espíritos e na vida de alguns países ocupados, sobretudo e muito perigosamente em França, onde faltam o carvão, as matérias primas, o comer e o vestir? Não está aberto todo o norte ocidental de África, com ligações directas aos portos espanhóis e franceses dos trópicos, a cometimentos militares alemãis muito sérios?

Sustentar um bloco gigantesco de nações aliadas numa hora de ofensiva *que não pode descair*, é obra que realmente justifica o afã com que se reclama o aumento de produção a todo o transe, diante de um inimigo que nunca pecou por falta de desembaraço. E se o tivesse agora, grave crise passaria.

COMO NA ERA VITORIANA

CHURCHILL

Por isto mesmo as declarações de Churchill aos Comuns no dia 10 do corrente foram, em meio dêstes sucessos, um epílogado resumo do balanço duma situação decisiva, analisada a frio.

O grande homem de Estado deixou desta vez o tom apelativo anterior, que fala às almas e aos nervos, às ansiedades instáveis e às queixas impacientes, e falou mais aos cérebros e às ufanias da bravura britânica legitimadas no esfôrço ciclópico que, durante dois anos, tirou e fêz do nada ingentíssima e poderosíssima máquina de guerra. Churchill veio dar as suas constas constitucionais ao parlamento, de actos de govêrno praticados no longo período que decorre desde a sua conferência no Atlântico com Roosevelt até à ocupação do arquipélago de Spitzberg onde, certamente com o assentimento russo, foram destruídas minas de carvão. E é êste o seu valor histórico e a sua firme segurança.

Repetir-lhe, mesmo em síntese, os passos, seria cair em inútil recapitulação sem que mais pudesse adiantar-se. Importa preferivelmente destacar do seu texto o que mais interesse à compreensão dos acontecimentos e à direcção que leva a guerra em mãos inglêsas. E assim, surge nesse discurso a confirmação de que nas conferências do *Potomac* se tratou: 1.° — do estabelecimento de princípios gerais que orientam a Inglaterra e os Estados Unidos; 2.° — do auxílio tenaz à Rússia; 3.° — dos esforços para salvar no Pacífico os interêsses das duas grandes potências solidárias e os benefícios da paz; 4.° — assuntos técnicos sôbre os quais se firmou «íntima ligação entre os altos comandos navais, aéreos e terres-

(Conclue na pág. 8)

EM MENOS DE DOIS ANOS, A FINLÂNDIA viu-se já em guerra com a Rússia por duas vezes. O seu valoroso exército tem agüentado, assim, um choque brutal, e o solo pátrio, coberto de glória e encharcado de sangue, tem sofrido as maiores inclemências, a ponto de se ter falado já numa eventual paz separada, agora que os soldados da Finlândia alcançaram a antiga fronteira do país. Damos nesta página alguns aspectos da luta no solo finlandês. À esquerda: Soldados das tropas de Mannerheim atacando os incêndios que destruiram as florestas da Carélia. Em baixo, à esquerda: Uma fábrica completamente destruída pelos russos em Ilmakoski; à direita: Um camião de transporte de tropas na Carélia oriental.

UMA FÁBRICA de Läskelä destruída parcialmente pelos soldados russos.

CAÇADORES CICLISTAS FINLANDESES chegando a uma aldeia russa.

ERICEIRA, PRAIA DE REIS, DE ARISTOCRATAS E DE ARTISTAS, tem um passado de tradições honrosas. Por suas areias brancas e finas e por suas ruas pitorescas, passaram algumas das mais salientes figuras da vida portuguesa nos últimos tempos. Mercê duma sábia política de melhoramentos e embelezamentos, a Ericeira ressurge e tende, de novo, a alcançar a posição de outros tempos. Voltam nela a pontificar a distinção, a elegância e a alegria. Enchem-se de beleza e de buliço as praias. E tudo parece indicar que, dentro em breve, a Ericeira será, agora como outrora, um dos mais importantes centros de vilegiatura.

DAMOS, NESTAS PÁGINAS, alguns aspectos curiosos da vida da Ericeira nêstes dias quentes de Setembro, que fizeram a alegria dos numerosos veraneantes que ali se encontravam. Em cima, à esquerda, a família Canongia; em cima, à direita, um instantâneo na praia à hora a que senhoras e crianças tomam os seus banhos de sol; em baixo, à esquerda, um grupo de elegantes freqüentadoras tomando, manhã cêdo, o pequeno almôço.

A ESPÔSA E FILHOS do distinto aviador civil e desportista Carlos Bleck.

O NOSSO COLABORADOR F. de Carvalho Henriques, com senhoras de sua família.

A ALEGRIA DA PRAIA evidencia-se bem nesta foto, em que algumas das senhoras que se encontram na Ericeira, conversam animadamente, à sombra de seus toldos e barracas.

UM NUMEROSO GRUPO DE VERANEANTES NA ERICEIRA. Nêle se vêem pessoas das distintas famílias de: Rebêlo de Andrade, Rio Maior, Almoster, Farrobo, Bleck, Cardoso, Bragança, Pombeiro, Amorim, Câmara e Veiga. — (Reportagem Serra Ribeiro).

PANORAMA INTERNACIONAL

O GESTO DO TIO SAM

(Continuação da quarta página)

Por Francisco Veloso

tres dos dois países», unidos para «a destruïção final da tirania nazi», como Churchill soube relembrar com visível intenção.

Os princípios respeitam aos países ocupados pelos exércitos do Terceiro Reich. Da técnica militar há demonstração que farte nos episódios recentes da vasta ofensiva do bloco aliado por êsse mundo fora. Não se cuide, porém, de que se trate dos fins políticos e sociais da guerra. Não é oportuno desvelá-los «quando ainda não está à vista o termo da guerra e o conflito se inclina para um e outro lado e com alternativas de sorte». Ressalvando mas prometendo a reorganização da Índia e da Birmânia no quadro imponente dos Domínios, Churchill reserva êsse direito da Inglaterra, separado do trabalho de uma reconstituïção da Europa. Depois vem o anúncio da melhoria da batalha do Atlântico: menos afundamentos de navios britânicos, mais arqueação inimiga afundada, o curso do Atlântico Norte garantido pelos Estados Unidos, a tonelagem dos inglêses e seus aliados afundada em Julho e Agôsto foi pouco mais de um terço da tonelagem alemã e italiana afundada pelas fôrças britânicas no mesmo período. Mas não acabaram os perigos. Há mais submarinos de Raeder no mar, mais aviões alemãis de grande raio de acção. A batalha do Atlântico não está ganha. Porventura entrará em maior fúria.

Em seguida, a ocupação da Islândia «para obstar a que venha a constituir pedra de passagem» numa invasão alemã do Atlântico, e da Terra Nova onde havia estações nazis de aviação ou de abastecimento. E vêm o Iraque, o caso da Síria a quem se renovam promessas de independência, mantendo-se prioridade aos direitos tradicionais da influência francesa, a posição mais confiada do exército que defende o Egipto nos flancos oriental e ocidental do Nilo. E finalmente a Rússia e louvor para «a magnífica resistência dos seus exércitos» que fêz derramar «mais sangue alemão em dois meses, do que em qualquer dos anos da última guerra». E eis a questão:

«Urge a necessidade de enviar, em grande escala, material de guerra para a Rússia, devido a uma parte considerável da indústria de munições e da produção de ferro e aço ter caído nas mãos do inimigo. Por outro lado, a Rússia dispõe de qualquer coisa como dez a quinze milhões de soldados, quási todos armados e equipados. Eis porque o auxílio em material necessário para manter aquela grande massa de gente, e permitir-lhes continuar as suas operações, constituirá o objectivo da próxima conferência anglo-russo-americana.»

E da Rússia passou Churchill à Pérsia, o caminho do abastecimento principal do exército moscovita, a quinhentas milhas do golfo Pérsico, em direcção ao Mar Cáspio, onde os russos mantêm grandes fôrças navais e que constitue o acesso ao coração da Rússia, isto é, à bacia do Volga. Em Teherão acabava de ser assinado o tratado definitivo que consagra a vitória britânica.

E então Churchill fêz levantar o panorama em que os inglêses podem ler o seu orgulho. A frente desde Spitzberg a Tobruk em direcção ao Médio Oriente, a decisão de conservar o poderio naval para impôr a lei britânica no Atlântico e no Índico, para «assegurarmos nesses mares (repare-se bem) a nossa preponderância contra todos e quaisquer ataques *venham êles donde vierem*». A história vai guardar o sentido destas palavras, dirigidas por advertência a certos equívocos de algumas chancelarias pseudo-neutrais.

E Churchill, dito isto, soergueu-se. Parece remontado aos grandes dias da era vitoriana:

«Conseguimos conquistar todo o Império italiano da Etiópia e da Eritreia, matando ou aprisionando os Exércitos italianos, cujos efectivos ultrapassavam 400.000 homens. Defendemos as fronteiras do Egipto contra os ataques germano-italianos. Consolidámos a nossa posição na Palestina e no Iraque. Obtivemos a supremacia, na Síria, garantindo, assim, a segurança de Chipre e, mediante uma rápida e vigorosa campanha na Pérsia, demos as mãos aos nossos aliados russos e formámos um obstáculo a qualquer avanço inimigo para o Oriente. Não posso deixar de sentir que tais feitos conquistam o respeito da História. Até aqui, temos trilhado o caminho terrível que escolhemos, quando acudimos ao chamamento do dever. O estado de espírito da Grã-Bretanha sente-se arrastado — e não sem razão — para uma satisfação que me parece prematura. Não é êste o momento de nos vangloriarmos, nem para profecias exultantes. O facto é, porém, que, há um ano exactamente, a nossa situação parecia desesperada e a nossa causa perdida, para todos aqueles, excepto para nós próprios. Hoje, porém, podemos afirmar, perante o Mundo tomado de espanto, que seremos os senhores do nosso próprio destino e que dominaremos as nossas próprias almas.»

As aclamações da Câmara dos Comuns rubricaram naquele dia, seja qual fôr o destino da guerra, uma das páginas maiores da história da Inglaterra. A oração de Churchill é o espírito de Pitt e Disraeli na cabeça do neto ilustre do Duque de Marlborough, — em face da maior guerra da história e no momento crucial em que tem de procurar-se, por todos os meios e com o máximo dos meios, a solução necessária, quando o «tempo é curto e a luta é terrível».

O SALTO PARA O «RING»

WILLKIE

Esta frase de Churchill sôbre a pressão urgente do tempo, significava à evidência que o cumprimento integral do programa de produção aberto à capacidade da América do Norte beneficiaria dos primeiros grandes estimuladores que lhe surgissem. O incidente do *Greer* foi, a êste respeito, providencial. Roosevelt juntou-o aos precedentes, e, cumulando as cargas, descarregou a indignação — certo de que tinha por si, como lhe dissera Willkie, a enorme maioria da opinião pública do seu país. Além dêsse estímulo, havia o da frutuosa contraofensiva russa no centro da frente, em tôrno de Smoslenko. O general Marshall devia ter alcançado o adestramento das primeiras divisões do exérito. Knox, o animador aguerrido da marinha, mandava para a imprensa britânica calorosa mensagem.

Dentro dêste ambiente, Roosevelt, ferido de luto no coração pelo falecimento de sua mãe e grande educadora, ganhou fôrças e veio na noite de 12 ao bocal do microfone proferir o maior discurso da sua carreira.

Nunca, durante esta guerra, estadistas responsáveis usaram de mais violenta linguagem contra Hitler. Partindo do princípio de que a liberdade dos mares é intangível, reclamou-a Roosevelt desafiadoramente para o direito dos Estados Unidos dela usarem a-fim-de protegerem os seus combóios de aprovisionamento. E denunciando nas conspirações nazis da América do Centro e Sul e nos afundamentos últimos de navios mercantes e de guerra norte-americanos o propósito de Hitler atacar as vigas da segurança da república norte-americana (propósitos que o presidente Getúlio Vargas, do Brasil, condenou no seu último discurso ao verberar as agressões) revelou haver dado as ordens seguintes: — «A presença de submarinos alemães em quaisquer águas que os americanos considerem vitais para a sua defesa constitue um ataque. Em águas que nós consideremos necessárias à nossa defesa, os navios de guerra e os aviões americanos não esperarão mais que os submarinos do Eixo lancem de sob a água ou os corsários de superfície despeçam primeiro o seu voto mortal. Sôbre as nossas patrulhas navais e aéreas, operando agora em grande número sôbre grande extensão do Oceano Atlântico, recai o dever de manterem a política americana de liberdade dos mares. Isso significa agora, muito simples e claramente, que os nossos navios e os nossos aviões protegerão todos os barcos mercantes, não só os navios americanos como os de quaisquer outros pavilhões circulando nas nossas águas defensivas. Protegê-los-ão dos submarinos; protegê-los-ão dos corsários de superfície.»

Como as rotas da navegação norteamericana, pelo menos desde a ocupação da Islândia, coincidem na zona do bloqueio alemão — exactamente como preveniu o almirante Raeder — é evidente que a decisão de Roosevelt equivale à de Wilson, em 1918: — é a guerra. Seria uma demissão que Hitler assim a não considerasse e um caso de obtusão mental assim a não reputarmos.

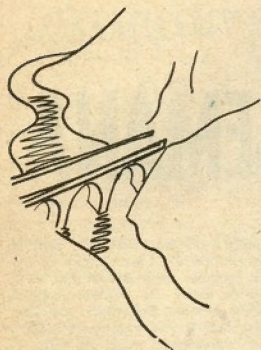
O primeiro ministro da Austrália disse outro dia que o *Tio Sam* despira o casaco. Não será demais concluir agora, que tirada a véstia, o *Tio Sam* arregaçou as mangas da camisa e entrou no *ring*. Já é parceiro na luta. Só falta o primeiro murro. Porque o *gong* já deu o sinal convencional que fêz suster as respirações do público.

Acontecimentos da SEMANA

ENCONTRA-SE EM LONDRES, onde foi estudar a vida e a organização da mocidade inglesa, uma missão da M. P. constituida pelos srs. capitão Augusto Sequeira, tenente Reverendo da Conceição e Luiz Avilez que, antes de partir, foi apresentar cumprimentos ao dr. Manuel Lopes de Almeida, subsecretário de Estado da Educação Nacional.

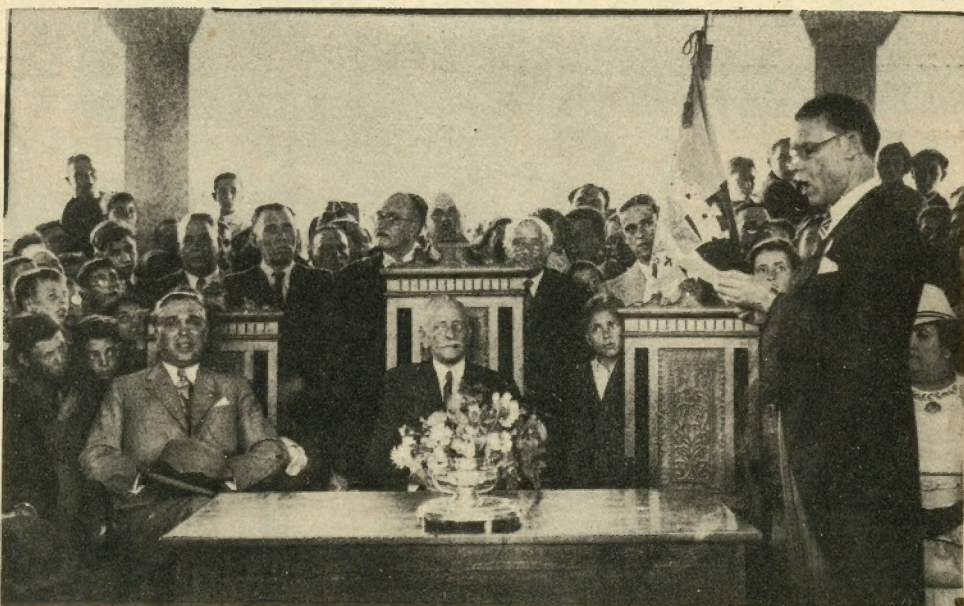
O «ESPADA» RICARDO TÔRRES foi homenageado em Lisboa com um banquete oferecido por numerosos amigos.

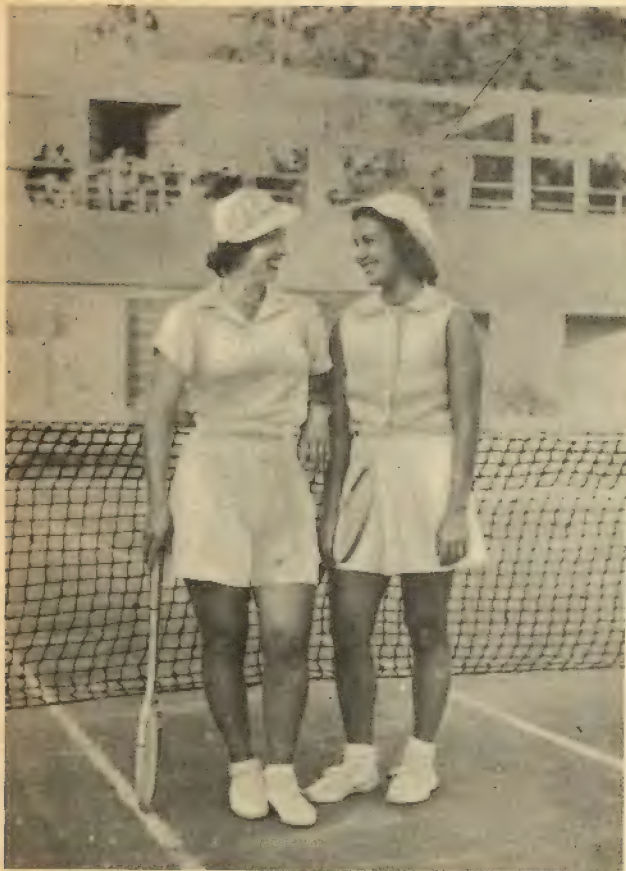
OS FALANGISTAS ESPANHÓIS — meninas e rapazes — que foram passar as férias em Espanha, nos acampamentos de Escorial e Castellon de La Plana, regressaram a Lisboa. A foto, à esquerda, mostra-nos um aspecto da sua chegada à «gare» da estação do Rossio.

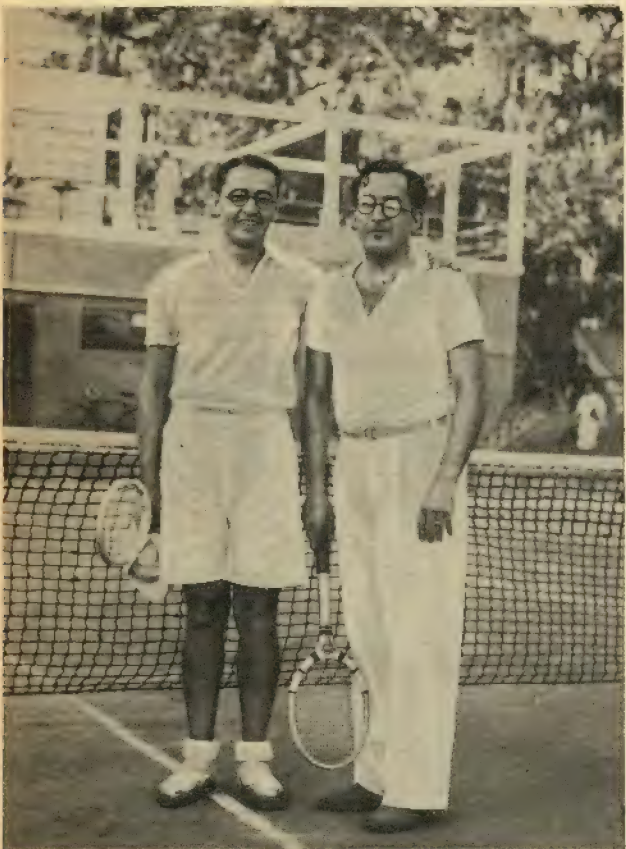
O REALIZADOR CINEMATOGRÁFICO António Lopes Ribeiro com alguns dos intérpretes e técnicos do filme «O Pai Tirano», após a sua estreia. Vêem-se na foto, entre outros, Leonor Maia, Graça Maria, Vasco Sant'Ana, Ribeirinho, Artur Duarte, Armando Machado, Seixas Pereira e António Vilar.

VILA REAL DE TRÁS-OS-MONTES VESTIU GALAS para receber, com homenagens valiosas, o venerando Chefe do Estado. A foto mostra-o assistindo ao desfile da guarnição militar local. À sua volta, agita-se um mar de povo que foi aclamá-lo.

O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA saúda o povo de Alijó ao atravessar as ruas da vila, com o sr. ministro das Obras Públicas e Comunicações, no meio duma verdadeira chuva de flores.

EM VILA POUCA DE AGUIAR, o sr. general Carmona presidiu à inauguração dum grande melhoramento de interêsse regional: o novo mercado municipal. A foto que publicamos à direita mostra-nos um aspecto da sessão solene que, nessa altura, se efectuou. O sr. tenente Assis Gonçalves, ilustre governador civil de Vila Real, lê o discurso de boas-vindas aos srs. general Carmona e eng.º Duarte Pacheco.

(Fotos feitas com películas «Ferrania»)

a viagem presidencial ao norte do país e a inauguração da ponte Duarte Pacheco

O CHEFE DO ESTADO REGRESSOU A LISBOA após uma viagem triunfal pelo norte do País, durante a qual presidiu à inauguração e ao encerramento do II Congresso Transmontano e à abertura oficial de vários melhoramentos de interêsse regional. As fotos que inserimos nesta página mostram-nos alguns aspectos da inauguração da ponte «Duarte Pacheco», sôbre o rio Tâmega, em Entre-os-Rios, e da visita do sr. Presidente da República a Penafiel, onde foi abrir oficialmente o novo edifício dos Correios, Telégrafos e Telefones. De cima para baixo: A manifestação popular ao sr. general Carmona em Penafiel; o cortejo presidencial atravessando a nova ponte, e dois aspectos da inauguração desta obra de arte.

NOS CAMPEONATOS DE «TENNIS» DO ESTORIL: As duas finalistas da categoria «singulares-senhoras». À esquerda, a vencedora, Gabriela Catarino.

ASSISTÊNCIA À SESSÃO DE ABERTURA DA CAMPANHA ELEITORAL efectuada no Teatro de S. João, do Pôrto, durante a qual discursou o sr. ministro do Interior.

JOSÉ ROQUETE (à esquerda), vencedor da categoria «singulares-homens».

O SR. BISPO DO PÔRTO lançando a bênção sôbre a ponte «Duarte Pacheco».

CALÇADA DA GLÓRIA

DEPOIS DA GUERRA

DEPOIS da Grande Guerra divulgou-se esta anedota que não deixa de ter o seu pitoresco.

Cinco soldados — um francês, um inglês, um americano, um belga e um italiano — juntam-se, em volta de cinco canecas de cerveja, a recordar as suas proezas.

— Eu matei vinte — dizia o francês.

— Eu não sei quantos matei — exclamava o inglês.

— Eu sòsinho tomei uma trincheira — gritava o americano.

— Eu encravei cinqüenta peças — recordava o belga.

— Eu fiz mais do que vocês — murmurou, com falsa modéstia, o italiano — Morri em plena batalha.

CAMILO E OS LOIROS

A mocidade académica prestou, certo dia, uma homenagem a Camilo, numa das vindas dêste a Lisboa. Tarde de palmas, de vivas, de discursos, tendo os estudantes entregue ao genial noite, Camilo recebeu a visita de Tomaz Ribeiro. O poeta do *D. Jaime* vendo a corôa, exclamou:

— Bravo! Trouxeram-te loiros?

Imediatamente o autor de *O Amor de Perdição:*

— Loiros!... Loiros!... Estes, não servem nem para a janela!

CONDECORAÇÕES

O português péla-se por um distintivo. Uma fitinha, com emblema na lapela constitue para êle a bem-aventurança. O dr. X, funcionário dum dos nossos ministérios, entrou, há d em casa, radiante:

— Dá-me os parabéns, Quitéria — gritou para a mulher. — Acabo de receber o cordão da Ordem do Santo Sepúlcro.

— Ainda bem! — retorquiu a mulher. — Já tens onde cair morto...

FILOSOFIA

O velho marquês de R., quando fêz testamento, deixou vários legados aos criados.

— Mas porque é, senhor marquês — diz-lhe a certa altura o notário — que V. Ex.ª deixa maior valor aos criados mais novos do que aos mais velhos na casa?

Logo o marquês, fungando uma pitada de rapé:

— É porque os novos não tiveram tanto tempo para roubar...

O BARBEIRO

UM barbeiro fazia a barba a um dos seus fregueses.

— Corre por aí a notícia de que no mês que vem acaba o mundo.

— Sério?

— É verdade. Dizem que a 3 de outubro morrem os animais e no dia 5 as pessoas...

— Oh! com os demónios — exclama o freguês. — Quem é que me há-de fazer a barba no dia 4?

A ACADEMIA

Ó papá — preguntava um petiz de dez anos ao pai académico — os sócios da Academia são imortais?

— São, meu filho. Imortais... até ao dia em que deixam de viver!

O HOMEM DAS OCASIÕES

Um belo dia (já aqui o contámos), Augusto de Castro foi convidado para um casamento. No dia marcado, lá estava êle, risonho, pontual, de fraque, pronto para a cerimónia. Mas o noivo não aparecia. Debalde o procuravam por todos os cantos. Surgiu uma geral impaciência. E no meio da impaciência geral, viu-se então Augusto de Castro avançar para a noiva, virginalmente pálida e ansiosa, e murmurar, com o mais prestável sorriso do mundo:

— Se é preciso um noivo, estou às ordens. Venho preparado para tudo...

Se um simples episódio pode definir um homem, êste episódio define Augusto de Castro. O autor do «Fumo do meu cigarro», e dos «Fantoches e Manequins» é bem o homem das ocasiões. É preciso, à última hora, um deputado, um jornalista, um embaixador, um comissário, um autor dramático, um «blagueur» esfuziante, não há que hesitar: Augusto de Castro está sempre pronto. No momento psicológico, podem contar com êle. Vivo, espirituoso, amabilíssimo, meio-filósofo, meio-boémio, as calças ligeiramente arregaçadas para se não salpicar da lama do caminho, a sua obra política, diplomática, literária, jornalística, constitue o reflexo exacto da sua personalidade. Possuindo, como poucos, o segrêdo duma eterna mocidade espiritual; capaz de saborear ainda, às quatro da manhã, uma excelente posta de bacalhau com «girls»; desconhecendo, aos 60 anos, o que é a fadiga, o desalento, a «surménage», a neurastenia: dando-nos, ao lê-lo, a impressão de que não escreve uma linha sem ter vestido o seu «smoking» e deitado no lenço de assoar duas gotas de alfazema — Augusto de Castro não é apenas, no nosso Chiado intelectual, uma figura: é um figurino. Não há êxito que êle não tenha conquistado. Não há barreira que êle não tenha transposto. Só dois paradoxos existem na vida de Augusto de Castro: sendo Sampaio, não é de Arraiolos; sendo Côrte-Real — tem servido a República...

OS PÉS

NUMA reünião, discutiam-se bons petiscos.

— Gosto imenso de orelheira de porco! — dizia uma senhora a Henrique Roldão.

— Também eu — exclamou o humorista. — Mas ainda assim, prefiro a de V. Ex.ª...

GASOLINA

CONTA-SE que um aviador subiu tão alto que chegou ao céu. São Pedro veio recebê-lo, com um sorriso, agradecendo-lhe a visita.

— Não me agradeça, senhor São Pedro. — exclamou o aviador. — Se eu ainda tivesse gasolina tinha passado sem lhe dizer nada.

O MATRIMÓNIO

O matrimónio é uma lotaria em que o prémio está nas cautelas.

A MULHER E O BÊBADO

AQUI está como um devoto de São Martinho classifica as mulheres: na infância — água; dos 18 aos 25 — champanhe; dos 25 aos 40 — licor; dos 40 ao 50 — vinho do Pôrto; dos 50 em diante — vinagre...

CARLOS V

UM belo dia, Carlos V resolveu trocar o manto imperial pelo hábito de monge. Certa manhã de inverno em que lhe cabia ir despertar os religiosos retardatários ao toque de matinas teve de sacudir fortemente um noviço que se deixara adormecer de novo. O noviço reabriu os olhos e reconhecendo o ex-imperador, resmungou:

— Não lhe bastou ter perturbado o mundo! Ainda veio para aqui perturbar os que fugiram dêle!

NA ESCOLA

QUEM fêz o mundo? inquire o mestre:

— Eu não fui, senhor professor — responde o aluno.

— Ah! Não foi?

O aluno emendando:

— Fui, fui, mas não torno, senhor professor...

INSÓNIAS

CERTO empregado público foi consultar o dr. Tomás de Mello Breyner, seu médico de longa data.

— Então isso não vai melhor? — preguntou-lhe o ilustre clínico.

— Não, senhor doutor. Estou cada vez pior das insónias...

E depois dum silêncio:

— Agora já nem consigo dormir na repartição!

FÉRIAS

UM amigo nosso entrou uma manhã na companhia em que está empregado e dirigiu-se ao gabinete da direcção a pedir quinze dias de licença para casar.

— Então o senhor ainda agora gozou 30 dias de férias! Porque não casou durante êste tempo?

Logo o nosso amigo:

— Para não estragar as férias, senhor director...

DR. ASSIS

SÃO inúmeras as anedotas que se atribuem ao dr. Assis. Mas, entre elas, mais ou menos verídicas, há uma que, na verdade, parece ter acontecido.

Uma ocasião faleceu um aluno de direito. No dia seguinte, mal chegou à aula, o dr. Assis referiu-se ao triste facto terminando por estas palavras:

— Suspendo hoje os nossos trabalhos, associando-me assim à morte do nosso desventurado companheiro.

Luís d'Oliveira Guimarães

SOLDADOS SUL-AFRICANOS patrulham o deserto fronteiriço do Egipto com a Líbia, onde o Exército Imperial do general Auchinleck e as fôrças germano-italianas de Rommel se vigiam mutuamente.

EM CIMA, à direita: Um dos modernos «tanks» inglêses tipo «Valentine» que tomam já parte nas operações do Norte da África, onde têm dado excelentes provas.

A DEFESA DE TOBRUK, cidade que se mantém há cêrca de meio ano em poder dos inglêses e cercada pelo inimigo, é uma das páginas mais brilhantes da campanha da África. A foto, à direita, mostra-nos alguns soldados britânicos descansando numa das posições defensivas cavadas nas rochas.

EM OPERAÇÕES NO MEDITERRÂNEO, um cruzador inglês lança uma densa cortina de fumo para esconder, aos olhos do inimigo, as acções de patrulha e assalto dos contra-torpedeiros da escolta.

Um protesto Original

EM VIRTUDE DO RACIONAMENTO DE VESTUÁRIO, um cidadão holandês resolveu sair à rua, no estado em que a foto nos mostra.

③

O que sei do que vi na Exposição do Mundo Português

TESTE ORGANIZADO POR F. DE CARVALHO HENRIQUES

«Vida Mundial Ilustrada» está a apresentar aos seus leitores uma forma curiosa de obterem indicação quanto ao poder da sua atenção e à precisão da sua memória, por meio de um exame a respeito do que viram na Exposição do Mundo Português.

Com êsse fim, prepararam-se quatro séries de exercícios que constituem o que em Psicotecnia se chama um teste.

Nos dois últimos números publicaram-se as primeira e segunda séries dêste teste, cabendo a vez agora à terceira série que se compõe de mais trinta exercícios de duas espécies.

Uns são formados por frases incompletas, apresentando-se para cada uma cinco maneiras diferentes de a completar. Contudo, apenas uma destas alternativas é verdadeira, quere dizer, entre as cinco maneiras diferentes de completar cada frase, só uma a torna exacta.

Por exemplo: **O documento que, na Exposição, se via dentro de um cofre era**

1. **O tratado de Tordesilhas.**
2. **O Foral de Lisboa.**
3. **A Crónica de D. João I.**
4. **O Testamento de D. Afonso I.**
5. **O Missal de Lorvão.**

A alternativa escolhida é a marcada com o n.º 2, ficando a frase exacta como segue:

O documento que, na Exposição, se via dentro de um cofre era o Foral de Lisboa.

Os restantes exercícios são constituídos por outras tantas fotografias para as quais há que escolher as respectivas legendas que se encontram entre as palavras ou frases apresentadas com êsse fim. Anàlogamente ao que acontece com as frases incompletas cada fotografia só tem uma legenda exacta.

O leitor terá, pois, de marcar na Tabela das Respostas, à frente do número indicativo de cada frase incompleta ou de cada fotografia o número do final de frase ou de legenda que considera verdadeira. Na página seguinte dão-se quatro Tabelas de Respostas para serem preenchidas por outras tantas pessoas, depois de separadas pelo ponteado.

Uma vez preenchida a Tabela das Respostas, confrontá-la-á o leitor com a Tabela Padrão, da página 19, marcando com uma cruz as frases que não completou ou completou erradamente e as fotografias que não identificou ou identificou com inexactidão.

É claro que ninguém pensará em fazer «batota» consultando a Tabela Padrão antes de preencher a Tabela das Respostas.

O resultado final será dado pela diferença entre 30 e o número de erros indicados pelas cruzes, visto que por erros se contam tanto as inexactidões como as faltas.

24 exercícios exactos representam um resultado muito satisfatório.

É evidente que estes exercícios não pretendem, nem por sombras, abranger todos os pontos interessantes da Exposição. Pretende-se sòmente fornecer a cada leitor um meio para obter uma indicação de quanto tem na memória do que viu na Exposição.

Considerar a coisa de outro modo era o mesmo que admitir que para o examinador fazer idéia do que sabe o examinando necessita de o interrogar sôbre todo o programa do curso. Ora como se sabe, basta muitas vezes úmas «preguntas de algibeira» para conhecer quais são as habilitações do aluno.

Não esquecer, ainda, que, no nosso caso, professor e aluno são uma e mesma pessoa — o Leitor.

E posto isto:

Que sabe o leitor do que viu na Exposição do Mundo Português?

PAVILHÃO DOS PORTUGUESES NO MUNDO E DIVERSOS

1. A Sala da Europa Política, no Pavilhão dos Portugueses no Mundo, mostrava

   1. Os retratos das princesas estrangeiras que foram rainhas de Portugal.
   2. As condecorações portuguesas conferidas a chefes de Estado estrangeiros.
   3. O Tratado de Windsor.
   4. A árvore genealógica dos chefes das nações católicas da Europa que descendem de D. Afonso I.
   5. As condecorações estrangeiras conferidas aos chefes de Estado portugueses.

2. Felix Brotero, Pedro Nunes e Amato Lusitano estavam, evidentemente, representados na

   1. Sala da Europa Política.
   2. Sala da Oceania.
   3. Sala da Europa Religiosa.
   4. Sala da Cultura Portuguesa na Europa.
   5. Sala das Américas.

3. Havia uma reprodução ampliada do ceitil na

   1. Sala de Marrocos.
   2. Sala da India.
   3. Sala da Abissinia.
   4. Sala das Américas.
   5. Sala da Europa Política.

4. Ao entrar na Sala da Europa Militar deparava-se com uma barragem feita de

   1. Escudos e lanças.
   2. Arame farpado.
   3. Sacos de areia.
   4. Espingardas ensarilhadas.
   5. Lanças de justa.

5. Dentro da Sala da Europa Militar uma grande pintura mural com fundo verde mostrava

   1. A Legião Lusitana em Wagram.
   2. Os Viriatos em Espanha.
   3. O Magriço e os seus companheiros.
   4. A Batalha do Salado.
   5. A Batalha de Matapan.

6. A alusão à popular frase «Meter uma lança em África» tinha como fundo, na Sala de Marrocos,

   1. Uma paisagem.
   2. Uma porta.
   3. Uma seteira.
   4. Um muro ameiado.
   5. Um minarete.

7. Na Sala da Fé e do Sacrifício dos Portugueses em Marrocos admirava-se uma alegoria à temeridade e cavalheirismo dos portugueses, constituida por

   1. Uma imagem de santa.
   2. Um baixo relêvo dourado.
   3. Uma peça de artelharia.
   4. Uma lápide funerária.
   5. Uma escultura eqüestre.

8. A lápide funerária comemorativa do primeiro português morto em Marrocos era encimada por

   1. Uma cruz.
   2. Uma pedra.
   3. Um elmo.
   4. Uma clepsidra.
   5. Um cavalo.

9. Na Sala da Abissínia admirava-se

   1. Uma série de fotografias de templos e fortalezas.
   2. A árvore genealógica do Rei dos Reis.
   3. Uma colecção de armas abexins.
   4. A estátua de Afonso de Albuquerque.
   5. Uma colecção de utensílios indígenas.

10. A decoração geral da Sala da China lembrava

    1. As pétalas da fôlha de chá.
    2. A superfície de certas porcelanas.
    3. A pele do tubarão.
    4. As vestes de um mandarim.
    5. As margens do rio Amarelo.

11. A figura central da parede, entre portas, da Sala da China, representava

    1. Um Buda.
    2. Fernão Mendes Pinto.
    3. Nossa Senhora de Pôrto Salvo.
    4. Um bonzo de Tu-Tj-Miu.
    5. S. Francisco Xavier.

12. O arranjo geral da Sala do Japão sugeria

    1. As volutas do penteado de uma geisha.
    2. As flores da amendoeira.
    3. Um jardim nipónico.
    4. Um biombo de muitos batentes.
    5. Uma rua de Tóquio.

13. Ornamentavam a Sala do Japão

    1. Três estátuas brancas com bases negras.
    2. Duas estátuas douradas com pedestais vermelhos.
    3. Dois jarrões verdes.
    4. Três estátuas douradas.
    5. Três estátuas vermelhas com pedestais brancos.

14. Os arcos de ogiva que constituíam uma das entradas da Exposição assentavam sôbre

    1. Dois pilares.
    2. Três pilares.
    3. Quatro pilares.
    4. Cinco pilares.
    5. Seis pilares.

15. Tanto o Pavilhão da Fundação como o da Caça e Turismo

    1. Estavam voltados ao ocidente.
    2. Tinham um só pavimento.
    3. Eram pintados de verde claro.
    4. Tinham pontes de acesso.
    5. Ficavam ao sul da Avenida da India.

16. No porão da Nau Portugal, o ambiente da época era intensificado por meio de

    1. Três manipansos de Angola.
    2. Três arcas com ornamentos indígenas.
    3. Dois Budas.
    4. Quatro dentes de elefantes.
    5. Um padrão das descobertas.

17. Algumas das estátuas de reis expostos nos vários pavilhões imitavam bronze, outras pedras. Entre estas últimas destacavam-se as de

    1. D. João IV — D. João II — D. João I
    2. D. João I — D. Afonso I — D. João II
    3. D. Afonso V — D. Manuel II — D. Pedro I
    4. D. Sancho I — D. Afonso V — D. Afonso IV
    5. D. Afonso I — D. João IV — D. Sancho I

18. O Pavilhão que tinha as salas de um lado e doutro da Avenida da Índia era o

    1. Pavilhão da Independência.
    2. Pavilhão das Telecomunicações.
    3. Pavilhão da Fundação.
    4. Pavilhão de Lisboa.
    5. Pavilhão do Mar e da Terra.

19. Para realçar certos pontos capitais da nossa História havia três livros gigantescos distribuidos pelas seguintes salas dos vários pavilhões:

    1. Sala da Cultura Portuguesa na Europa — Sala das Américas — Sala de Camões.
    2. Sala de D. João I — Sala da Sintese da Colonização — Sala de D. Diniz.
    3. Sala do Génio de Camões — Sala de Camões — Sala da Abissinia.
    4. Sala das Américas — Sala da Sintese da Colonização — Sala do Génio de Camões.
    5. Sala do Oriente — Sala da India — Sala das Américas.

20. O objectivo principal da Exposição do Mundo Português foi

    1. Provar que em Portugal se sabe fazer lindas exposições.
    2. Mostra que a acção civilizadora de Portugal se mantém vigorosa como sempre.
    3. Demonstrar que o nosso País é um oasis de paz.
    4. Recordar que foi Portugal o descobridor do Mundo.
    5. Prestar homenagem à memória dos nossos antepassados.

OS SÍMBOLOS DA EXPOSIÇÃO

Identificar as fotografias de alegórias e símbolos marcadas de 21 a 30, por meio das legendas que seguem:

1. O Acto Colonial.
2. A Amizade Luso-Brasileira.
3. O espirito que presidiu aos Descobrimentos e à Colonização.
4. Os Milagres de Santo António.
5. As obras de alguns grandes Administradores do Império.
6. A Obra de Assistência de Santa Isabel.
7. A Obra dos Cartógrafos.
8. A Obra Cultural de D. Diniz.
9. A Obra Portuguesa de Colonização.
10. Os Obreiros do Império.
11. A Protecção dispensada aos Portugueses pelos deuses pagãos.
12. A Soberania Portuguesa.
13. A Temeridade e Cavalheirismo de D. Sebastião.
14. O Tratado de Methuen.
15. O Tratado de Tordesilhas.

Questão de tempo...

Novela por Manuela de Azevedo

SUBITAMENTE, estremeço. É êle, não posso duvidar: os cabelos mais brancos, as rugas mais cavadas, um ar de desencanto, uma luz no olhar mais apagada, certa compostura de abandôno...

Mas é êle, bem vejo, que está na minha frente, revolvendo num segundo as cinzas de uma fogueira inextinta e que durava há anos.

As nossas mãos encontram-se, como dois náufragos à vista do mesmo litoral. E só trocamos dois nomes:

— João!

— Carmo...

Na minha voz há mais espanto, na dêle há mais reticências, variações de uma continuidade de palavras íntimas, frutos amadurecidos no tronco forte da árvore, que não se colhem na hora suprema, não vão as mãos tocá-los...

Passo a mão pela fronte, a querer varrer a imagem do passado...

Há seis anos, na plenitude da vida, braçada de lilazes numa floração fresca e sàdia de Páscoa triunfal, abria-se-me a alma, na hora triste em que os olhos dêle se crispavam num pôr de sol outoniço. Êle fôra, então, um tronco castigado pelo temporal, com as raízes de tudo que havia constituído o seu afecto, arrancadas dolorosamente à terra e, depois, assim mesmo, de um momento para o outro, fixado ao solo, reflorindo numa floração contínua e esplendorosa.

Que era aquilo?

Fenómeno das naturezas — tão eternal como o amor, os astros, o Sol, os pássaros, os arroios da serra, nem eu compreendia nem êle explicava. Era um poder supremo de ternura e sofrer, imponderável tema literário vivido, numa matemática falhada que estava certa, porque há muitos problemas que se resolvem em bem, à margem dos teoremas: êle chegara cêdo, eu chegara tarde, mas ambos nos encontravamos, naquele momento crucial em que um já não sabe como há-de terminar e o outro ainda não sabe como há-de começar...

Revivendo, êle fizera desabrochar em mim a emotividade, o sentido da arte, a forma literária, como se fôra uma operação mimosa de jardinagem na muda de estações...

— Toma, lê...

E eu lera, para converter em cartas longas — cartas de quem não tem pressa, de quem não tem mêdo do fim do caminho, para lá do dia vivido — as próprias impressões dessa leitura, os próprios deslumbramentos e desânimos de quem lê. Estabelecêramos, assim, um torna-leva de conceitos — e as cartas dêle eram maceradas pela experiência, breves dias de sol em tardes tristes de inverno, para êle renovo de energias, uma vibração suave que fazia ramalhar, brandamente, as emoções.

Até que um dia êle se despediu, através de uma névoa de Inverno imutável, já agora.

— «Não quero ficar como um tropêço hediondo na mocidade da tua vida radiosa, porque tudo em ti é gracioso e expontâneamente puro e nobre, como animal de raça».

Que ficasse com o seu Balzac, com o seu Musset, o seu Vítor Hugo poeta, o seu Verlaine, e até aquele sublime «Don Quixote»... Êle partia com aquêles anos vividos inùtilmente, tinha completado a caminhada, a meu lado fôra garimpeiro e joalheiro, valorizando a matéria vil do meu sêr, para não desanimar como Verlaine, diante do imutável:

Ah! Seigneur, donnez-moi la force et [la courage
De contempler mon coeur et mon corps [sans dégout!

E cada um seguiu o seu destino, ambos paralelos, numa geometria ainda irremediável, porque ambos divergíamos. E, à medida que o tempo passava, eu envelhecia em desenganos, enquanto êle regressava à vida, para se iludir.

Um dia, muito tarde — eu não podia esquecer, agora mesmo que o tinha ao pé — êle escrevera-me. Ia casar. Como assim — dizia êle — eu era feliz, adulada num meio diferente daquela vilazinha da província em que nos conhecêramos, êste agora mistura de bem e mal, em que eu era veleiro sem leme ao sabor das ondas, podendo ou não naufragar, segundo o vento. Entretanto, sabendo-o, êle tivera coragem de escrever: «agrada-me o teu triunfo, mas muito mais me agrada saber-te tão pura e superiormente mulher como eu te conheci...».

* * *

Tôda esta evocação é sôpro sôbre cinza adormecida.

Avenida acima, vamos seguindo os dois num silêncio que é uma acção de contacto e de reconhecimento, como nas grandes manobras estratégicas, antes de começar a batalha.

João interrompe o silêncio:

— Apareço-te divorciado, depois de três anos de casado... Achas estranho?

— Já te esperava... não sabia quando nem como.

— Sabias que não era feliz?

— Ninguém mo disse.

— Mas sabias?...

Meus lábios franziram-se num sorriso de ironia subtil.

— Mesmo quando se é superiormente mulher, como tu me pediste para o ser, no momento em que me abandonavas a mim própria, para te entregares à tranqüilidade do casamento... mesmo assim as mulheres estão sujeitas a estas subtilezas...

Lá ao cimo, paramos. Naquele jeito antigo de cardíaco, a interromper a marcha a cada instante, João fita-me olhos nos olhos:

— Não te esqueceste...

— Certo respeito por mim própria obrigou-me a não me esquecer...

— Só por isso?

— Bem vês... se eu quisesse ser franca, teria de dizer que, naquele momento, te odiei a bracejar na minha dor, a querer fazer, por desforra, o contrário do que me pedias... As tuas palavras tinham tanto sarcasmo que me venceram!

— E depois?

— Depois... como acontece com os chineses, diante de uma grande desgraça, nada aconteceu, nada interrompeu a marcha da vida, nada fêz desabar o céu num castigo severo... Aquela frase, mais do que o teu casamento, passou a ser um incidente à margem desta luta do dia-a-dia e nem foi citada na ordem de serviço. Cá dentro de mim, permanecia intangível e perfeito o homem que me deslumbrara quando era ainda um pouco mais que criança e muito menos que mulher...

João trava-me do braço. Eu não me liberto e êle diz, com emoção, numa voz baixa e soturna:

— Uma tortura, Carmo...

Adeus, João, já é tarde...

TABELA PADRÃO

Do «Teste» das págs. 16 e 17

1	4	16	5
2	4	17	2
3	1	18	3
4	5	19	4
5	3	20	2
6	2	21	12
7	5	22	15
8	2	23	11
9	1	24	5
10	2	25	8
11	5	26	10
12	4	27	7
13	1	28	6
14	3	29	3
15	4	30	9

RECTIFICAÇÃO — Na Secção «As Salas da Exposição», da 2.ª série, publicada no último número, onde se lê: «12 — A sala do Túmulo», deve ler-se «12 — A sala da Rainha Santa Isabel».

ELA — Em que estás tu a pensar?
ÊLE — Naquela quadra que diz que o «mar também tem mulher». É bem mais feliz do que eu... «Dá-lhe beijos quando quere»...

(Desenho de Stuart Carvalhais)

A mão dêle crispa-se no meu braço:

— Em tôda a minha vida, só tu me compreendeste, na simplicidade das tuas deduções, na complexidade da tua intuição de mulherzinha, naquela cativante amabilidade com que recebias as minhas reacções de homem combalido e alma trôpega...

Não quero dizer-lhe que êle achara demasiada a minha juventude e minguado o meu dote. Mas sinto certo prazer na insinuação malévola:

— Casaste com uma mulher rica, de tradições na família...

Como um farrapo, êle amarfanha-se diante de mim, o que é de facto infeliz para um homem que se encontra diante de uma mulher como eu, em circunstâncias idênticas... E faço comparações — o que é ainda mais desvantajoso para um homem — entre êste João e aquele que eu conheci. O outro ganha naturalmente em vantagens, porque a imagem presente perde sempre, se o espírito da mulher não a aceita tal qual é e faz, precisamente, tais comparações...

Êle desce a pormenores: incompreensões, génios incompatíveis, aquela repugnante partilha de dinheiros... Um dia teve de lhe bater...

Olho-o bem no fundo.

Agora é João o náufrago!... Meia dúzia de anos de distância, lá longe, na província, atacanharam-lhe o cérebro, embotaram-lhe a emotividade que eu lhe conhecera!

Cerro os olhos num gesto de quem diz: não!...

E não, não é êste o homem com quem sonhei seis anos, aquele que ficou nos meus sentidos, no meu espírito, no meu coração!

Não, não é esta a imagem que a câmara escura da minha alma retivera, para se revelar agora num negativo deformado... O outro, o que eu conhecera há seis anos ou que desde então não vejo, é diferente de corpo e alma, dêste que segue a meu lado, a debruçar-se a um saguão sombrio, em lugar de se debruçar à janela florida onde eu o conheci...

João inclina-se sôbre o meu ouvido:

— Sabes porque escrevi aquela frase?

Não respondo. Agora que o tenho perto de mim e, cá dentro da minha alma, o outro me diz adeus para sempre, parece que tudo me é indiferente.

Mas êle insiste:

— Adivinhava que êste momento havia de chegar e queria-te tal qual te conhecera...

Olho o céu que principia a tingir-se daqueles tons suaves de esbatido sem esfuminho. Sorrio à imagem do meu amor que parte e com a morte cá dentro murmuro:

— Adeus, João, já é tarde...

Vida Mundial Ilustrada

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11$00; 6 meses (24 números) — 22$00; 12 meses (48 números) — 43$00. — África: 12 meses (48 números) — 60$00.

Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65$00.

Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.º Telef. 2 6942 — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

Ofensa arqueológica

Por Stuart Carvalhais

— Está enganado. Guerras, houve sempre. Já o seu avô «antropopitecus» andava sempre em zaragatas...

— O meu avô quê?

— Tenho a impressão que êste tipo me insultou a família. Nunca ouvi dizer que o meu avô fôsse aquilo... «Pitecus» !?

— Ora vamos lá tirar isto a limpo... O dicionário diz tudo. Cá está: «Antropopitecus» — Género hipotético de animais fósseis.

— Com que então o meu avôzinho era fóssil? Ora tome lá que é para não andar aí a chamar nomes às pessoas, seu maroto!

"V" O de Churchill

AO LARGAR DA ISLANDIA, cujas posições poderosamente fortificadas visitou após o célebre encontro do Atlântico com o Presidente Roosevelt, Churchill passa, a bordo do couraçado «King George V», por entre os barcos ancorados nos portos da grande ilha e corresponde às aclamações dos tripulantes, fazendo, com os dedos, o símbolo V, como sinal de confiança na vitória final britânica. (Foto «Britanova»).